

ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA
Gabinete dos
Secretários da Mesa



AGÊNCIA NACIONAL
PARA A CULTURA
CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA

À DAPLEN

João P. de S.
18/06/2013

Nº Único
468196

Data
2013.06.18

Exmo. Senhor
Dr. Duarte Pacheco
Secretário da Mesa da Assembleia da República
Assembleia da República
Largo das Cortes-Palácio de S.Bento
1249-068 Lisboa

Sua referência

Sua comunicação

Nossa referência

Data

001669

69-2007

14/06/2013

Assunto: Centro Ciência Viva de Guimarães

*Ex. V. Sr. Secretário de Mesa da AR,
Sr. Dr. Duarte Pacheco,*

No âmbito do Requerimento nº 13/XII/2ª - EI, recepcionado no dia 21/05/2013, apresentado pela Senhora Deputada Francisca Almeida, vem a Direcção da Ciência Viva - Agência Nacional para a Cultura Científica e Tecnológica clarificar o solicitado.

Como ponto prévio à resposta às questões colocadas no referido Requerimento é essencial uma breve referência à natureza dos Centros Ciência Viva e do seu processo de criação, de forma a tornar mais clara a compreensão dos factos em apreciação.

1. Quanto à sua natureza, os Centros Ciência Viva são centros *interactivos* de ciência que, sendo parte integrante da museologia moderna, se distinguem dos museus por uma particularidade que lhes é muito própria: os módulos expositivos só funcionam em resultado de acções e gestos dos visitantes. Esta característica torna-os especialmente adequados a uma *didáctica* das ciências que *privilegia a prática*, a experimentação e a descoberta, razão pela qual os seus visitantes são sobretudo *crianças e adolescentes*, em visitas escolares e de grupo. Compreende-se, assim, que o funcionamento de um Centro Ciência Viva, enquanto centro interactivo, seja sensível a estes dois factores, a saber, *utilização muito intensiva* por um *público infanto-juvenil* e acolhimento de *grupos de grande dimensão*.
2. No ponto de vista da sua criação, os Centros Ciência Viva resultam de uma forte dinâmica local. Em norma, partem de uma proposta do município, à qual se associa uma instituição académica e científica. A Ciência Viva intervém como entidade de enquadramento, aconselhando, avaliando e, finalmente, validando a conformidade do centro proposto com as características



de um centro interactivo de ciência, com especial atenção aos aspectos enfatizados no ponto 1. A experiência de criação deste tipo de equipamento ensina-nos que a relação entre *espaços e conteúdos* é muito exigente, obrigando a uma *articulação constante* entre as intervenções arquitectónicas e a concepção e instalação dos conteúdos expositivos. Uma regra fundamental é que este processo *ocorra em simultâneo* e de forma muito articulada.

3. No caso da criação do Centro Ciência Viva de Guimarães (CCVG), o processo foi desencadeado por uma proposta da Câmara Municipal de Guimarães (CMG), a que se associou a Universidade do Minho (UM), entidade contratada pela CMG para a definição dos conteúdos expositivos. Importa reter dois factos, presentes à data da apresentação da proposta:
 - a) A recuperação do espaço [antiga fábrica Âncora] *já havia sido iniciada*, independentemente da definição de um plano de conteúdos;
 - b) O projecto de conteúdos, ao contrário do procedimento em vigor para processos desta natureza, *já se encontrava em fase de definição* e produção.

Estes dois factos, aliados a circunstâncias locais e características do espaço nem sempre favoráveis, dificultaram substancialmente a fase crítica de conceptualização e adaptação de infraestruturas. Como veremos, e não obstante os esforços e empenho revelados pela CMG e pela UM, é nestes factos e nestas circunstâncias que radica o adiamento sucessivo da abertura do CCVG.

Perante estes factos, a Agência Ciência Viva tomou a iniciativa de fazer um apuramento detalhado do estado do projecto, para melhor apoiar todas as entidades envolvidas nos passos a seguir. Fê-lo, nomeadamente, através da Comissão de Avaliação e Acompanhamento da Rede de Centros Ciência Viva, presidida pelo Professor Jorge Buesco, cujo Relatório (Junho de 2012) é aqui doravante citado, sempre em itálico.

Face ao exposto, passamos à resposta a cada uma das três questões em apreço.

4. Primeira Questão: Qual o motivo para os sucessivos adiamentos? Importa referir que a gestão deste calendário tem sido coordenada pelo município, em articulação com a Universidade do Minho. Sendo a instalação de um Centro Ciência Viva de elevada exigência e dificuldade, acresce ainda que as intervenções arquitectónicas e a configuração dos módulos expositivos não haviam ainda permitido a respectiva instalação em condições adequadas a uma utilização intensiva e segura, num contexto de aprendizagem prática e interactiva, por grupos de grande e média dimensão, em conformidade com as características descritas no ponto 1. Apresentam-se a seguir, a título de exemplo, algumas situações mais críticas:

Em matéria de situações de risco, “Existência de cursos de água e túneis subterrâneos, com acessos abertos (...)”; “Espaços não expositivos mas que (...) podem ser acedidos

por visitantes. Não reunindo condições de segurança (...); “Falta de protecções em terraço (...); “Arestas vivas nas madeiras em zonas de passagem”; “Obstruções naturais, que oferecem algum perigo especialmente circulando em grupo.”

Questões de acessibilidade, “Piso irregular (...) situações a resolver no percurso de pessoas com limitações (...) edifícios de dimensão exígua, limitando os conteúdos e criando algumas restrições ao percurso expositivo (...) restrições de acesso aos espaços expositivos, a módulos e mobiliário afectam de algum modo a versatilidade dos espaços.”; “A exiguidade dos acessos, nomeadamente do elevador, que não parece ter capacidade para mais de quatro pessoas, colocará problemas para visitas de grupos de médias e grandes dimensões, como é tipicamente o caso das escolas.”

Importa aqui salientar os esforços e a motivação da Câmara Municipal de Guimarães, revelados nas obras já efectuadas – factos que são também referidos no Relatório. Contudo, tais diligências não teriam ainda conseguido colmatar os obstáculos decorrentes do facto do edifício *“não ter sido concebido de raiz para um Centro de Ciência e ter grandes constrangimentos de adaptação, [o que] acaba por revelar pouca funcionalidade quer em termos do estabelecimento de um discurso museológico coerente quer em termos do próprio percurso expositivo.”* O Relatório é, a este propósito, muito extenso e detalhado na forma como descreve estes constrangimentos, pelo que não seria adequado incluí-los numa resposta que se quer clara e sucinta.

5. Segunda Questão: “É a Agência Nacional para a Cultura Científica e Tecnológica responsável por estes sucessivos adiamentos?” Ao longo de todo este processo, a Agência Nacional Ciência Viva tem tomado sempre as diligências que lhe compete, a saber, estimular a comunicação entre os parceiros, realizar os necessários contactos com a CMG e a UM e, finalmente, *avaliar e verificar* de forma independente a conformidade do espaço e dos conteúdos com as características e as expectativas de utilização de um Centro de Ciência. A juntar a estes procedimentos, habituais em todos os processos similares, a Ciência Viva teve desde o início absoluta consciência das dificuldades inerentes a este projecto, razão pela qual contratou os serviços do designer Henrique Cayatte como consultor e apoio permanente – por um período de um ano, em ligação *directa* com a Universidade do Minho e a Câmara Municipal – , bem como os serviços de dois Bolseiros, contratados por igual período de tempo para apoio no terreno. Finalmente, face aos resultados do Relatório de Avaliação, a Ciência Viva notificou de imediato a CMG e a UM, em ofício de 11/06/2012, dando a conhecer o respectivo conteúdo e manifestando a sua disponibilidade para discussão dos próximos passos a realizar.
6. Terceira Questão: “O Centro Ciência Viva de Guimarães já reúne condições para a Universidade do Minho instalar o que projectou para o espaço e garante condições de



AGÊNCIA NACIONAL
PARA A CULTURA
CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA

funcionamento que permita cumprir na íntegra o projectado pela Universidade, Agência Nacional e Câmara Municipal?” Em primeira linha, a questão poderá ser respondida quer pela Câmara Municipal de Guimarães, quer pela Universidade do Minho, que estão na posse de dados mais actualizados e têm estado a acompanhar mais de perto as intervenções no terreno.

Concluimos reiterando as expectativas da Agência Ciência Viva quanto à criação de um Centro de Ciência em Guimarães, em convergência com uma prática de estímulo à expansão da Rede Nacional de Centros Ciência Viva, como o tem vindo a fazer ao longo dos últimos 17 anos. É por isso com muito gosto que vimos o interesse manifestado por esta rede e pelo papel assumido pelos Centros Ciência Viva.

Por último, aproveitamos esta oportunidade para formalizar o convite aos Senhores Deputados para uma visita ao Pavilhão do Conhecimento – Ciência Viva, em data a agendar, sendo que estamos, naturalmente, disponíveis para qualquer esclarecimento que entenderem por bem colocar.

Com os melhores cumprimentos,

Rosalia Vargas

Presidente